

Conservação preventiva e reservas técnicas

ainda um desafio para as instituições

Simone Mesquita

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MESQUITA, S. Conservação preventiva e reservas técnicas: ainda um desafio para as instituições. In: SILVA, RRG., org. *Preservação documental: uma mensagem para o futuro* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 67-77. ISBN 978-85-232-1221-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

CONSERVAÇÃO PREVENTIVA E RESERVAS TÉCNICAS

AINDA UM DESAFIO PARA AS INSTITUIÇÕES

Simone Mesquita¹

Interessante a ideia e posterior discussão na ocasião do evento do lançamento da Pedra Fundamental do novo prédio do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia. A participação do Museu Nacional foi importante porque é necessário um maior diálogo entre as instituições, mais ainda quando estamos no âmbito das universidades federais.

Tendo como foco principal o ensino e a pesquisa, as universidades na maioria dos casos possuem acervos gerados a partir das próprias pesquisas ou de doações. Algumas possuem museus que por sua projeção não são apresentados ao público como tal e a grande maioria desconhece esse vínculo. Geralmente, a distribuição de verba é desigual, não levando em consideração a necessidade de conservação das coleções científicas. No entanto, a maior dificuldade me parece que não está no campo da falta de recurso e sim em uma melhor compreensão do significado do que seja um museu e da responsabilidade de manutenção das peças que fazem parte da exposição ou que estão

1 Arqueóloga e Conservadora; responsável pelo Laboratório Central de Conservação e Restauração do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Artes Visuais, na área de Antropologia da Arte, pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

nas reservas. É fundamental um trabalho de conscientização, uma mudança de mentalidade onde todo o pessoal lotado nessas unidades possa participar de forma integrada das medidas necessárias para manutenção do patrimônio material. Nesse sentido, o maior dilema das instituições é a organização visando o todo, onde a conservação preventiva deveria ser o carro chefe das prioridades. A elaboração de um plano diretor voltado para as coleções, com diretrizes a curto, médio e longo prazo, minimizaria problemas decorrentes de término de mandatos ou de questões políticas.

Além disso, ações permanentes de conscientização deveriam ser mantidas através de palestras e vistorias em todas as áreas dos museus, incluindo gabinetes de trabalho e laboratórios de pesquisa. Nesse contexto, o conservador deveria produzir laudos indicando soluções balizadas pelo plano diretor.

Tagle (2007, p. 137) faz alguns questionamentos a respeito das coleções. “A primeira questão com que nos deparamos diante da tarefa de preservar uma dada coleção ou determinado bem cultural é justamente mais difícil de responder: por que devo preservar? Entretanto, logo outras se seguem: para que e/ou para quem a coleção ou o bem cultural é importante? Quais são os valores básicos que representam essa coletividade? Que contribuição trará sua existência para o desenvolvimento da sociedade?”

Queremos aqui acrescentar mais perguntas as já propostas por Tagle (2007), tais como, se temos um acervo gerado pela pesquisa, por que curadoria e exposições estão relegadas a um segundo plano e não fazem parte das prioridades das instituições? Talvez essa pergunta pareça estranha, mas é precisamente isso o que se passa muito frequentemente. Em níveis diferentes, a grande maioria das instituições não apresenta um plano diretor ou valoriza a área da conservação. Um roteiro publicado no Reino Unido (THE COUNCIL FOR MUSEUMS, ARCHIVES AND LIBRARIES, 2004), dirigido aos responsáveis pela salvaguarda de coleções, quando aplicados, demonstra claramente o quanto ainda falta para que possamos atingir um nível minimamente aceitável

no tratamento do patrimônio. O roteiro elege nove grandes áreas de análise: política institucional, edifício, armazenamento, manutenção, manuseio e utilização do acervo, monitoramento e controle ambientais, conservação e restauro, reprodução e novas mídias e preparação para emergências. Esses parâmetros descrevem a qualidade e a extensão das atividades de conservação dos acervos. Mesmo em instituições aparentemente bem vistas pelos visitantes, ao serem analisadas à luz desse roteiro, apontam sérias falhas na forma de condução do gerenciamento das coleções.

Segundo o roteiro, as conclusões podem ser usadas, por exemplo, como parte do processo de planejamento, em trabalhos iniciais de solicitação de auxílio financeiro ou para ressaltar a importância do cuidado com o acervo dentro de uma instituição. Esse último item é, a princípio, o que nos interessa, pois é exatamente a mudança de paradigma que precisa urgentemente ser trabalhada. Em vários pontos do roteiro, a busca de informações com um conservador ou especialista em salvaguarda é colocada em destaque. Na elaboração das políticas institucionais relevantes também é questionado se os responsáveis diretos pela preservação são consultados. Normalmente, as instituições não possuem uma política de preservação escrita. Não há avaliações do acervo para indicar prioridades. Mais ainda, de um modo geral, o acervo proveniente da coleta durante a pesquisa de campo não é analisado sob o ponto de vista da guarda em relação ao espaço e às condições de acondicionamento adequado. As pesquisas estão continuamente sendo realizadas e gerando novos acervos onde a relação com as reservas não é discutida em nenhuma instância. Os curadores não consultam os conservadores e, via de regra, dentro de uma mesma instituição, as áreas não dialogam entre si. O tema referente ao crescimento das coleções passa ao largo de um planejamento. Cargas não são avaliadas em termos do edifício, como também o peso extra nos pisos. Não há um cronograma de manutenção rotineira nos prédios, nem registros das obras e inspeções. As equipes, geralmente, desconhecem normas de segurança e não recebem

treinamento, incluindo os curadores. As instalações e equipamentos não são inspecionados. A limpeza não é vistoriada regularmente e o pessoal não é qualificado para a função. Especificações não são feitas por escrito em relação à limpeza das reservas técnicas e áreas de exposição. O consumo, o descarte e o armazenamento de alimentos não são restritos a determinadas áreas. Não há laudos do estado de conservação de todas as peças em exposição. Não há programas para medir os níveis de umidade relativa, temperatura e iluminação. Itens frágeis como fotografias, têxteis, aquarelas ou manuscritos não são colocados em vitrines com luz diferenciada. As definições de prioridades em conservação não se baseiam em diagnósticos. De maneira geral, também não há plano de preparação para emergências.

Voltando aos questionamentos de Tagle (2007): por que devo preservar? Segundo o autor, a complexa tarefa a cumprir deve ser precedida pela não menos complexa prova de identificar e avaliar os valores patrimoniais em questão, seu papel na sociedade e a mensagem que o mesmo pode dirigir ao futuro. Com certeza, essas colocações são importantes, mas quando avaliadas as instituições brasileiras que abrigam coleções, constatamos que estas se apresentam em diferentes níveis de compreensão e resultados na forma de preservação de seus acervos. Em seu artigo, Tagle (2007, p. 143) assim define a situação:

No momento atual, a responsabilidade maior que se coloca diante de todos nós reside na conservação de coleções e conjuntos de bens culturais, mais do que na restauração de objetos individuais. A prioridade deve se situar na preservação, para as gerações futuras, da maior quantidade possível desses bens, documentando em profundidade o que existe, medindo as mudanças observáveis. A restauração deve limitar-se ao estritamente necessário, quando a situação assim determinar. Resulta que os aspectos e temáticas importantes da atualidade para delimitar a pesquisa científica nas áreas de Humanidades e Ciências Físicas são em nosso entender: O papel da coleção no contexto do museu. A importância do museu no contexto da comunidade. O papel representado pelo patrimônio da comunidade na sociedade. Os estudos de valores, de identidade, de potencialidades econômicas e de soluções sustentáveis a longo prazo. O estudo

e o estabelecimento de parâmetros para identificar valores – que, por sua vez, não são imutáveis. Os materiais e a conservação da arte contemporânea. A conservação das coleções etnográficas e sua reinterpretação.

Como já foi dito anteriormente, em certas instituições o acervo é originário da pesquisa, fruto de projetos onde a coleta é praticamente contínua. Nesse contexto, o papel da coleção é direcionado para servir de base para publicações. Ampliando o universo citado por Tagle (2007), quando tratamos de instituições de História Natural, cabe lembrar que onde existem coleções em meio líquido, exsicatas,² rochas e muitos outros diferentes tipos de acervos, temos que considerar estudos pontuais de tratamento dessas coleções. Para conservação de acervos em meio líquido, por exemplo, não existe quase nenhuma bibliografia sobre o tema.

Dessa forma, voltamos à questão da necessidade das instituições buscarem sempre o auxílio de um conservador em quase todas as etapas de planejamento institucional, incluindo o estabelecimento de normas escritas e participação nas instâncias decisórias. Essa política deveria incluir a aquisição, guarda, tombamento, baixa patrimonial e um programa de inspeção. Teria, ainda, que monitorar a utilização das coleções a fim de fundamentar o plano de preservação e conservação. A equipe dessa área teria que se manter atualizada, tendo suas atribuições redigidas em documento e difundidas, para que todos pudessem estar cientes das funções da figura do conservador, evitando os constrangimentos decorrentes das solicitações por partes destes ao sugerirem mudanças ou recomendações. Especificações para admissão de voluntários e de serviços tercerizados, tais como embalagem e transporte, deveriam também ser abalizados por um conservador. O pessoal da limpeza deveria receber treinamento constante e os fun-

2 *Exsicata* é uma amostra de **planta** seca e prensada numa estufa, fixada em uma cartolina de tamanho padrão acompanhadas de uma etiqueta ou rótulo contendo informações sobre o vegetal e o local de coleta, para fins de estudo botânico. Exsicatas são normalmente guardadas em um **herbário**.

cionários serem capazes de reconhecer sinais de infestação, umidade excessiva e mofo, incluindo nesse grupo os curadores de coleções. Recursos anuais deveriam ser previstos para as atividades de conservação, estando relacionados nessa lista também revisão de equipamentos, aperfeiçoamento da equipe, monitoramento da digitalização das informações, preparação para emergências e seguro.

Os edifícios deveriam ser vistoriados, levando em consideração o peso das coleções adicionados ao mobiliário, vedação de portas e janelas e instalações elétricas. Um cronograma de manutenção e relatórios periódicos deveriam ser realizados indicando as necessidades e estabelecendo um planejamento. Vias de passagem potenciais de animais deveriam ser fechadas e a movimentação de pombos em áreas tombadas deveriam ser sistematicamente combatidas. A equipe de conservação deveria ser notificada quando houvesse obra prevista no edifício.

Em relação à segurança, todas as chaves da instituição deveriam ter uma cópia na administração devidamente identificadas. Alarmes deveriam ser instalados e todas as vias de acesso vistoriadas e bem trancadas. Todas as reservas deveriam ter sua entrada controlada e permitida somente a pessoas autorizadas, desvinculadas a gabinetes de trabalho. Também, o acesso às instituições deveria ter regras, com cadastro e uso de crachá.

No quesito armazenamento, as instituições deveriam planejar o espaço para o crescimento das coleções, prevendo liberação dos corredores para movimentação dos objetos com abertura suficiente das portas para o transporte. As reservas técnicas deveriam ter um mapa da configuração da área, com todo o mobiliário identificado na planta, estando estes últimos também marcados por prateleiras ou gavetas, assim como um espaço para a manipulação das peças. As condições ambientais de temperatura e umidade deveriam estar compatíveis com os materiais guardados. Metais por exemplo necessitariam de cuidados especiais. O acervo deveria ser mantido organizado, higienizado e nenhum objeto ou material que não pertencesse à reserva

poderia estar no local. Têxteis, quando maiores que o tamanho de gaveta de uma mapoteca, deveriam ser enrolados em tubos. Todas as embalagens deveriam estar ajustadas às medidas dos objetos. Livros não deveriam estar empilhados por longos períodos.

Especificamente no que concerne ao mobiliário das reservas técnicas, estes deveriam ser estáveis, com materiais testados, elevados do piso e adequados ao peso a ser colocado, estando os objetos no alto, possíveis de serem alcançados de forma segura. Além disso, as prateleiras deveriam ter medidas adequadas ao tamanho dos objetos e forradas com manta de *etafoan*.³ Os armários deveriam conter somente o possível em relação à ocupação, não excedendo a capacidade de “conforto” das peças.

Em termos das embalagens para armazenamento, deveria haver suprimento suficiente guardado para situações pontuais e para aquelas peças identificadas com problemas através da avaliação criteriosa da área da conservação. Troca de embalagens deveriam ser previstas acompanhando as recomendações sugeridas pela literatura científica e pela equipe de conservação, recebendo dessa forma proteção para todos os itens do acervo. Todo o lacre das peças deveria ser feito com cadarço 100% algodão, com etiqueta de identificação na parte externa da embalagem. Pequenos objetos deveriam ser guardados em caixas ou bandejas específicas, numerados e etiquetados com tinta resistente à luz e à água, indicando seus conteúdos. O controle desse procedimento deveria ser vistoriado frequentemente. Os adesivos utilizados nas etiquetas deveriam ser motivo de pesquisa por parte dos conservadores, sendo os itens marcados baseados em normas nacionais e internacionais. Itens diferenciados por tamanho ou material deveriam ser avaliados separadamente.

Em relação a manutenção, a inspeção deveria ser o carro chefe, com cuidados de higienização generalizados para todas as áreas do prédio e das coleções, incluindo neste item a norma permanente de

3 O *etafoan* é um material estável, muito usado em conservação. É produzido a partir de polietileno expandido, promovendo proteção térmica e contra impacto.

não ter qualquer tipo de alimento no local, restrito unicamente à cantina ou sala de refeição das instituições. É válido ressaltar que o uso de cafeteira também deveria ser extinto dentro dos prédios que abrigam acervos. Insetos capturados deveriam ser encaminhados para a análise de um entomólogo. Um local apropriado de quarentena para itens com suspeita de contaminação deveria ser providenciado, assim como um programa de gerenciamento de pragas. Acervos procedentes de pesquisa de campo deveriam ser acompanhados por laudo de um conservador antes de serem incorporados à reserva técnica. Mesmo procedimento deveria ser adotado em ocasiões de empréstimo de peças para exposições temporárias cedidas ou recebidas nas instituições.

No manuseio e uso do acervo, cabe lembrar que mesmo quando o transporte é feito dentro do próprio edifício, este deveria ter as peças bem protegidas em caixas e carrinhos específicos, preferencialmente acolchoados, fáceis de manobrar e que suportassem o peso colocado. Todos os funcionários deveriam ser alertados para o uso indevido de materiais de escritório, tais como, fitas adesivas, elásticos e cliques em contato com o acervo. Registros de todos os acidentes que causaram danos às coleções deveriam ser arquivados. Elevadores de carga deveriam ser instalados para que todo o manuseio e transporte pudesse ser feito adequadamente.

Nas salas de leitura e pesquisa deveriam ser fixados avisos proibindo fumar, comer ou beber, mais ainda, instruções escritas sobre o manuseio das coleções. Funcionários deveriam ser treinados para o caso de descumprimento das regras, as quais teriam penalidades previamente estipuladas. Apoio para os livros deveriam ser disponibilizados e recomendado sempre o uso de lápis. Em se tratando de obras raras ou fotografias, a instituição deveria fornecer luvas para o manuseio.

Na exposição de longa duração, todos os itens deveriam estar catalogados e fotografados. O conservador deveria ser consultado em relação aos materiais empregados nos suportes, peso das peças,

temperatura, umidade, iluminação, circulação e segurança. A limpeza de áreas não visíveis deveria ser inspecionada semanalmente e observados os materiais empregados para este serviço.

Nos procedimentos de empréstimo, o conservador deveria ser primeiramente consultado para que pudesse ser avaliado o estado das peças antes da sua liberação. As instituições deveriam ter normas por escrito para estes casos, contratos e regras de seguro. No caso de viagens, um *courrier* deveria acompanhar as obras cedidas, sendo todos os passos documentados e com fornecimento de recibos.

Em relação ao monitoramento e controle ambientais, o acervo deveria ser abrigado de condições extremas, com programas para medir a umidade relativa, temperatura e luz visível e ultravioleta, sendo acompanhados mensalmente através dos registros. A partir da leitura dos equipamentos de medição, procedimentos deveriam ser adotadas no sentido de minimizar os efeitos nocivos causados pelas variações já citadas. Os instrumentos utilizados para esse fim deveriam ser calibrados conforme o manual e registrados os seus procedimentos. Quando utilizados aparelhos de ar condicionado, os filtros deveriam ser limpos de maneira regular, com anotação das datas do serviço e localizados afastados do acervo. Os itens recém-chegados deveriam ter um tempo para aclimatar-se quando guardados ou expostos. Nas reservas técnicas as luzes deveriam estar sempre apagadas quando não utilizadas, e em todas as áreas com acervo as lâmpadas deveriam ter filtro, assim como nas janelas.

Em locais com muita poluição, deveria existir um controle e avaliação dos riscos decorrentes desses gases, instalando um sistema de filtragem do ar.

Na conservação e restauro deveriam haver registros de todos os procedimentos com fotografias e atualizados os bancos de dados, estando estes vinculados ao programa principal de catalogação e documentação institucionais. Qualquer tratamento, o mínimo que seja, deveria ser acompanhado pelo responsável pela conservação da instituição.

Para reproduções e novas mídias, as instituições deveriam avaliar itens frágeis e manter as matrizes de microfilmes sob inspeção, havendo ainda um sistema para fornecer reproduções aos usuários em vez dos originais. Todo o equipamento com essa finalidade deveria ser protegido da poeira e ter manutenção adequada. Itens maiores do que a superfície da copiadora não deveriam ser fotocopiados e de cada microfilme deveriam ser produzidas uma matriz em negativo, uma duplicata em negativo e uma reprodução em positivo.

Na preparação para emergências todo o quadro de funcionários deveria ser convocado para treinamento com situações simuladas de perigo e instruções para o manuseio de extintores de incêndio. Telefones úteis deveriam ser colocados à vista de todos. Uma cópia de segurança do inventário e da catalogação de arquivos deveria ser guardada em edifício diferente do local que abriga os originais. Plantas dos pisos deveriam estar disponibilizadas para identificar as áreas e conteúdos, além de equipamentos e materiais para reparos emergenciais.

Todos esses procedimentos são fundamentais para uma adequada conservação preventiva dos acervos. Isso só poderá ser minimamente atendido com o investimento em pessoal e a repetição incansável desses parâmetros como uma espécie de sacerdócio. Segundo Tostes (2005, p. 75) “[...] o apego à vida, no entanto, é inerente à natureza humana e se manifesta de diferentes formas. Uma delas é o ato de colecionar e de preservar o que é colecionado”. A autora, que é também diretora do Museu Histórico Nacional, em seu texto faz menção à questão do crescimento das reservas e à preocupação mundial com essa situação:

O que fazer? Criar uma ou mais reservas centrais em espaços fora dos museus, como alguns países europeus já estão pondo em prática? Criar critérios de disponibilização do que é excedente? E como fazer? São questões que precisam ser enfrentadas, deixando de lado o apego canibalesco exagerado – uma vez que uma dose correta de apego é importante para o cuidado com as coleções. (TOSTES, 2005, p. 81)

Estas seriam, com certeza, perguntas importantes a serem consideradas após todo um tratamento efetivo por parte dos dirigentes das instituições em relação aos itens aqui já colocados. Brigola (2008, p. 34) também faz colocações sobre os caminhos da identidade da instituição museu, estando esta sob suspeita:

No caso do museu contemporâneo, tendemos a acreditar na atualidade de um combate de ideais, na urgência de um movimento intelectual de renovação teórica e no retorno ao *ethos* primacial que sublima a missão original da instituição. Tudo isso, que não é pouco, temperado pela prudente e pragmática necessidade de tornar sustentáveis os projetos, reinventando um modelo de gestão que respeite a especificidade do patrimônio cultural.

| 77 |

Em última análise, temos um grande desafio que seria a tentativa de reverter a situação das instituições através quase exclusivamente da simples mudança de mentalidade. Talvez direcionar o apego.

REFERÊNCIAS

- BRIGOLA, João Carlos. A Crise institucional e simbólica do museu nas sociedades contemporâneas. In: CHAGAS, M. S.; BEZERRA, R. Z.; BENCHETRIT, S. F. (Org.). *A democratização da memória: a função social dos museus ibero-americanos*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.
- THE COUNCIL FOR MUSEUMS, ARCHIVES AND LIBRARIES. *Parâmetros para a conservação de acervos*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo: Vita, 2004. (Museologia. Roteiros Práticos; 5)
- TAGLE, Alberto. Objetivos centrais da investigação para a conservação de coleções e patrimônio cultural. SEMINÁRIO INTERNACIONAL MUSEUS CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2006, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2007.
- TOSTES, Vera Lúcia Bottrel. O problema das reservas técnicas: como enfrentar o apego devorador? *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 31, 2005.